

Análise da percepção docente sobre a (des)continuidade no ensino contábil durante a pandemia de Covid-19

CLAUDIO DE SOUZA MIRANDA

Universidade de São Paulo (USP)

JOÃO PAULO RESENDE DE LIMA

Universidade de São Paulo (USP)

ELISABETH DE OLIVEIRA VENDRAMIN

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Resumo

Dentre os setores afetados pela pandemia de Covid-19 que redefiniu dinâmicas sociais e educativas destacamos o ensino superior que precisou tomar uma, de duas decisões: migrar o ensino presencial para a modalidade remota ou suspender o calendário acadêmico. A partir desse contexto o presente artigo visa analisar a percepção de docentes de Contabilidade acerca da (des)continuidade das atividades de ensino contábil brasileiro durante a Pandemia do Covid-19, focando em questões relacionadas ao processo de adaptação, formação e engajamento discente. O questionamento surgiu devido a falta de uniformidade das IES sobre a suspensão do calendário acadêmico ou continuidade das aulas na modalidade remota, e todos os efeitos que ambas decisões acarretam. A coleta de dados se deu por meio de um questionário online, que entre 09 e 20 de maio de 2020, contou com 173 respondentes, todos docentes da área de contabilidade. Como principais resultados, apontamos que 47,4% dos respondentes estão no regime de ensino remoto, dos quais prevalecem docentes de IES Privadas e Municipais. Outro ponto levantado é o fato da amostra indicar que o tempo de preparação das aulas na modalidade remota é superior ao tempo de preparação na modalidade presencial, e esse indicativo não se altera entre docentes que tem experiência na modalidade EaD e os que indicaram não ter. Observamos ainda um possível processo de aprendizagem experiencial desde o começo da pandemia. Por fim, destacamos que existem diferenças significativas entre diferentes grupos sociais acerca da (des)continuidade das atividades de ensino. Esperamos a partir desses resultados contribuir para o entendimento dos desdobramentos da pandemia sobre o ensino contábil e da formação e atuação docente.

Palavras-chave: Ensino Superior, Ensino Remoto, Covid-19.

1. INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020 a OMS declarou pandemia de Covid-19. Desde então vivemos um período de incertezas, instabilidades e necessidade de adaptação das dinâmicas econômicas, sociais, psicológicas e educativas. Dentre os setores afetados por essa pandemia destacamos o ensino superior que precisou tomar uma, de duas decisões: migrar o ensino presencial para a modalidade remota ou suspender o calendário acadêmico.

Independentemente do caminho adotado pela Instituição do Ensino Superior (IES), é certo que existe impacto na prática docente. Dessa maneira, o presente trabalho visa analisar a percepção de docentes de Contabilidade acerca da (des)continuidade das atividades de ensino contábil brasileiro durante a Pandemia do Covid-19. Tal discussão justifica-se pela necessidade de maior entendimento dos efeitos da pandemia no cenário da educação, assim como é preciso considerar as discussões acerca da formação pedagógica dos docentes de contabilidade que apontam para um consenso de uma formação fragilizada que pode acarretar problemas, inseguranças e dificuldades na prática docente (Laffin & Gomes, 2016; Farias & Araujo, 2016; Lima & Araujo, 2019).

Como decorrência da formação fragilizada, são encontrados problemas e inseguranças na prática docente – principalmente no início da carreira (Araujo, Lima, Oliveira & Miranda, 2015). É importante ainda nessa discussão destacar que as demandas de formação pedagógica são alteradas de acordo com o contexto, visto que a ação docente é sempre histórica e socialmente contextualizada. Nesse sentido, Perrenoud (1999, grifos nossos) apresenta dez competências necessárias para desenvolver efetivamente a profissão docente: Perrenoud (1999) apresenta dez competências necessárias para desenvolver efetivamente a profissão docente, entre elas destaca-se a utilização de novas tecnologias.

Observamos dessa maneira que, segundo Perrenoud (1999), o professor deve ser um profissional com diferentes competências, incluindo a utilização de novas tecnologias. Além disso, destacamos a necessidade do docente saber lidar com o imprevisível, visto que é impossível prever todas as dúvidas e reações dos estudantes e o caráter contextual da prática docente (Roldão, 2007). É a partir desse referencial teórico que analisamos as percepções dos respondentes da pesquisa visando contribuir para um melhor entendimento dos impactos da pandemia no ensino contábil.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando atingir o objetivo proposto, foi desenvolvido e aplicado um questionário com docentes de contabilidade no Brasil. O período de coleta de dados ocorreu entre 09/05 e 20/05/2019. No decorrer do questionário, os docentes indicaram sua percepção acerca de temas como preparação – pedagógica, tecnológica e psicológica – para atuar no ensino remoto, experiência com EaD, aproveitamento das aulas, tempo dispendido para preparação das aulas, honestidade acadêmica, participação dos estudantes, entre outros. Para mensurar tal percepção adotou-se a escala *Likert*, variando entre discordo plenamente e concordo plenamente numa escala de sete pontos.

O questionário foi respondido por 173 docentes da área de contabilidade, de 23 estados brasileiros, sendo 56,6% do sexo masculino, com 44 anos de idade em média, e com 16 anos, em média, de experiência docente. Em termos de suas instituições, 60,1% são de IES Públicas, principalmente de universidades (77,5%) e 68,7% tem dedicação exclusiva ou de 40 horas. 35,8% atuam também em programas de pós-graduação e 52,6% são ou já foram coordenadores de curso.

3. RESULTADOS

Questionados sobre a decisão tomada pela IES sobre a continuidade ou não das aulas, em função da pandemia, 52% dos docentes indicaram que suas IES optaram pela continuidade das aulas em formato remoto, contudo algumas deram opção aos docentes de suspenderem seus calendários e reporem as aulas posteriormente. Assim, a amostra de docentes que estão em regime de ensino remoto é de 47,4% dos respondentes. Dentre os docentes que estão atuando com ensino remoto, observa-se predominância das IES privadas (100%) e dentre as IES públicas, a predominância das municipais (100%), importante destacar que as IES municipais, em muito se aproximam das características das IES privadas, tendo em vista a cobrança de mensalidades. Especificamente no âmbito da pós-graduação, 1/3 dos respondentes, de IES que suspenderam suas aulas de graduação, indicaram que os cursos de mestrado/doutorado continuaram com o cumprimento de seu calendário.

Em relação a experiência em atividades EaD, 63,8% dos entrevistados indicaram já ter tido alguma experiência. Ressalta-se que 30,5% indicaram que nunca tinham tido qualquer tipo de treinamento em ferramentas EaD. Questionados sobre o tempo utilizado no preparo de aulas, em relação as aulas presenciais, 86,6% dos docentes indicaram que o tempo seria maior ou muito maior. Cabe ressaltar que não houve diferença significativa sobre o tempo de preparo, mesmo entre os que já tinha experiência EaD.

Especificamente nas questões acerca do sentimento de estar preparado para a adaptação ao ensino remoto, observa-se pela Tabela 1, que os docentes afirmam estarem atualmente mais preparados tanto tecnologicamente, quanto pedagogicamente que no início da adaptação. Tal fato pode indicar o acontecimento do processo de aprendizagem experiencial (Kolb, 1984), assim como o desenvolvimento do saber experiencial (Tardif, 2011). Ao comparar diferentes grupos – atuar na pós-graduação, experiência de coordenação e tempo de docência – para verificar possíveis diferenças na percepção não foram encontradas diferenças significativas. Em termos de sexo, as mulheres indicaram menor nível de conforto para ministrar aulas remotas (4,7) e menor preparo pedagógico antes da pandemia de Covid-19 (3,6).

Tabela 1 – Avaliações sobre a experiência de aulas remotas

	Nota média	Diferenças significativas		
		Exp Ead	Sexo	IES Pública - Privada
Em relação ao desenvolvimento de aulas remotas o quanto se sente confortável em ministrar este tipo de aula?	5,4		*	
Em relação ao seu preparo para o desenvolvimento de aulas remotas (o quanto se sentia preparado(a) tecnologicamente ANTES do início da pandemia para este tipo de aula)	3,5			
Em relação ao seu preparo para o desenvolvimento de aulas remotas (E AGORA o quanto se sente preparado(a) tecnologicamente)	4,7			
Em relação ao desenvolvimento de aulas remotas e o seu preparo PEDAGÓGICO para esta adaptação? (O quanto se sentia preparado pedagogicamente ANTES da pandemia)	4,1		*	
Em relação ao desenvolvimento de aulas remotas e o seu preparo PEDAGÓGICO para esta adaptação? (O quanto se sente preparado pedagogicamente AGORA?)	5,2			**
Em comparação às aulas que ministrava presencialmente, ao ministrar aulas na modalidade remota/distância me sinto psicologicamente:	4,9			
Em relação às aulas que ministrava presencialmente, em comparação com as aulas remotas: (Como avalia seu desempenho docente)	4,8	**		**
Em relação às aulas que ministrava presencialmente, em comparação com as aulas remotas: (Como avalia o engajamento dos alunos)	3,9			

Fonte: dados da pesquisa (2020)

Outro aspecto importante para esse processo de adaptação está relacionado à avaliação da aprendizagem dos estudantes. A nota média encontrada foi 4,4, indicando que os respondentes não acreditam que seu preparo tenha sido alterado. Tal resultado se mostra contrário ao trabalho de Lima, Bertolin e Vendramin (2018) que demonstram que os docentes se sentiam menos preparados para realizar avaliações utilizando ferramentas digitais. Solicitou-se ainda, as formas como os docentes estariam fazendo estas avaliações, sendo as principais formas: exercícios em testes (68,3%), e de questões abertas (46,3%). Observamos dessa maneira uma reprodução de instrumentos avaliativos altamente utilizados no ensino presencial.

Em relação ao aproveitamento e absorção dos conteúdos por parte dos estudantes, na modalidade remota, os docentes indicaram uma nota média de 4,6, o que demonstra um aproveitamento na média, nem satisfatório nem insatisfatório. Cabe ressaltar que os respondentes acreditam que a honestidade dos alunos nas atividades avaliativas é menor do que nas presenciais (3,5), principalmente entre os docentes com até 10 anos de experiência (2,8), reforçando os resultados de Oliveira, Assis, Silva & Oliveira Neto (2014) que destacam a honestidade acadêmica como um problema no ensino contábil.

Considerando os docentes que não estariam oferecendo aulas no formato remoto, solicitou-se que indicassem até 3 motivos para a suspensão das aulas. Os motivos mais indicados foram: (i) os alunos não possuem estrutura tecnológica em casa para acompanhar as aulas (79,5%); (ii) os professores não possuem experiência suficiente para trabalhar as TICs (49,4%); (iii) a IES ficou temerosa quanto aos resultados de aprendizagem dos alunos (34,9%); (iv) há muitas resistências internas quanto ao uso das TICs (30,1%). Nos quatro motivos apresentados, observa-se a preparação acerca do contexto social em que o acesso à tecnologia ainda é reservado apenas para parte da população. Assim como a preocupação acerca da formação pedagógica desse corpo docente que, como a literatura aponta, ainda é fragilizada (Laffin & Gomes, 2016). Além do fato de que o domínio tecnológico é determinante para o aceite do uso de tecnologias para o ensino de negócios (Leal & Albertin, 2015), assim como o grau de facilidade e desempenho do docente com as tecnologias (Nogueira, 2014). Por fim, observa-se influência da preocupação com o resultado da aprendizagem e de uma cultura organizacional que rejeita as TICs.

Tabela 2 – Avaliações gerais dos docentes que não estão em aula

Questionamento	Média
Acredito que os alunos foram prejudicados por não terem aulas	5,1
Acredito que os alunos entendem que foram prejudicados por não ter aula	5,0
A suspensão das aulas foi a melhor alternativa	5,3
Me sinto prejudicado por precisar repor as aulas posteriormente	2,9

Fonte: dados da pesquisa (2020)

Os dados da Tabela 2 indicam que, na avaliação dos docentes que não estão ministrando aula na modalidade remota, há uma concordância de média para alta (5,3) de que a suspensão foi a melhor decisão a ser tomada, mas também acreditam que a decisão prejudicou os alunos (5,1). Nestes dois pontos, foram encontradas diferenças significativas entre docentes que atuam ou não nos programas de pós-graduação. Entre os que atuam na pós, há maior concordância que tenha sido a melhor decisão (5,5) e entre os que não atuam, há maior concordância que os alunos seriam prejudicados com esta decisão (5,7). De maneira geral, há baixa concordância dos docentes (2,9) de que a reposição posterior de aulas possa prejudicar seu futuro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pandemia pelo Covid-19 é um fator externo e não controlável, tanto pelas IES, quanto por docentes e discentes. Esses são agentes do processo que devem reagir a tal situação imposta. Em situações emergenciais como esta, as legislações são flexibilizadas, permitindo o ensino na modalidade remota, mesmo sem um planejamento prévio. Isso garante que o calendário seja mantido. Entretanto, não se discutiu outros aspectos além do calendário acadêmico, como: aspectos pedagógicos, sociais (de professores e estudantes), psicológicos e identitários.

Buscando dar voz aos docentes, este estudo apontou que, entre as IES que suspenderam seus calendários, existe um alta concordância dos docentes com essa decisão. Já entre as IES

que optaram pela continuidade do calendário com a adoção da modalidade remota, os docentes percebem um tempo muito maior na preparação das aulas, aliado a uma percepção de redução da honestidade acadêmica nas atividades avaliativas.

Se faz necessário um amplo diálogo para ajustes nas atividades acadêmicas, especificamente tendo em vista que ainda não se tem um data de retorno para as atividades presenciais.

REFERENCIAS

Araújo, T. S., Lima, F. D. C., de Oliveira, A. C. L., & Miranda, G. J. (2015). Problemas percebidos no exercício da docência em contabilidade. *Revista Contabilidade & Finanças-USP*, 26(67), 93-105.

Farias, R. S., & de Araújo, A. M. P. (2016). Percepção dos professores de contabilidade quanto aos espaços formativos para o ofício da docência no Brasil. *Revista de contabilidade e Organizações*, 10(28), 58-70.

Kolb, D. A. (1984). *Experimental learning: experience as the source of learning and development*. New Jersey: Prentice-Hall, Englewood Cliffs.

Laffin, M., & da Silva Gomes, S. M. (2016). Formação pedagógica do professor de contabilidade: o Tema em Debate. *Education Policy Analysis Archives/Archivos Analíticos de Políticas Educativas*, 24, 1-27.

Leal, E. A., & Albertin, A. L. (2015). Determinants of the Use of Technological Innovation in Distance Learning: A Study with Business School Instructors. *Turkish Online Journal of Distance Education*, 16(1), 19-37.

Lima, J. P. R., & de Araujo, A. M. P. (2019). Tornando-se professor: análise do processo de construção da identidade docente dos professores de contabilidade. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 12 (2), 059-080.

Lima, J. P. R.; Vendramin, E. O.; Bertolin, R. V. (2018). Tenho Competências para Avaliar? Percepções de Docentes de Ciências Contábeis. In: *I Congresso Brasileiro de Pedagogia Universitária*, 2018, Rio Claro. Anais do I Congresso Brasileiro de Pedagogia Universitária

Nogueira, D. R. (2014). *Vento da mudança: estudo de caso sobre a adoção de ambientes virtuais no ensino presencial em contabilidade*. Tese de Doutorado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.12.2014.tde-05112014-161527

Oliveira, A. C. L., Assis, A. I. R., da Silva, D. M., & de Oliveira Neto, J. D. (2014). Percepção dos discentes e docentes acerca da honestidade acadêmica em um curso de ciências contábeis. *Revista Economia & Gestão*, 14(34), 86-118.

Perrenoud, P. (1999). *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed.



São Paulo, 29 a 31 de Julho de 2020

XX USP International Conference in Accounting

"Accounting as a Governance mechanism"

Roldão, M. D. C. (2007). Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. *Revista brasileira de educação*, 12(34), 94-103.

Tardif, M. (2011). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes.